

Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO: NOTAS SOBRE ARTE, DOENÇA MENTAL E NOÇÃO DE PESSOA EM ANTROPOLOGIA

Roberta Macêdo da Gama Bentes Micaloski Kowalski (PIC, Fundação Araucária)
Unespar/Campus I, roberta.bkowalski@gmail.com
Ana Lúcia de Lima Pazos Vasquez (Orientador),
Unespar/Campus, antropologiaembap@gmail.com

RESUMO: Este trabalho pensa a obra de Arthur Bispo do Rosário a partir da perspectiva da antropologia, levando em conta os aspectos relacionados à noção de pessoa nessa disciplina. Assim, considera a produção artística do ator social que, por apresentar uma conduta diferente da dos demais, foi internado em um hospital psiquiátrico, onde produziu toda sua obra. Estabeleceu-se, através da pesquisa bibliográfica e documental, um referencial teórico específico para debater as relações entre o delírio que levou o artista a produzir compulsivamente e o processo de desestruturação da pessoa do artista, no sentido clássico que a antropologia atribui ao termo. O presente trabalho constatou a dificuldade do reconhecimento das obras de Bispo pela contaminação dos estigmas psicossociais que o artista sofria, o que gerou amplo debate dentro da crítica de arte sobre sua produção. Concluiu-se que Bispo foi uma figura de seu tempo que tentou demonstrar os impactos sociais que sofria constantemente em suas obras, e que sim, foi um artista.

Palavras-chave: Antropologia. Bispo do Rosário. Noção de Pessoa.

INTRODUÇÃO

Para fugir da análise óbvia de Bispo do Rosário (1909-1989) como um grande artista moderno brasileiro, a presente pesquisa tomou a liberdade de analisá-lo por um olhar diferenciado, o olhar antropológico de exclusão e diferenças raciais e necessidades especiais mentais, que tornaram Bispo uma personagem carismática para estudo.

Tem-se como objetivo delimitar a interpretação sob o viés antropológico da arte, da pessoa e da doença mental, conectando estes três pontos à vida de Bispo do Rosário, assim como pensar sua inserção no contexto social da época, como artista e doente mental. Para isso foram feitas inúmeras leituras de teóricos em antropologia e sociologia, assim como biografias sobre Bispo do Rosário e estudos históricos sobre a doença mental e suas conexões.

A escolha perante o artista se dá pela pouca pesquisa realizada com diferente enfoque, sem ser o foco histórico-social, teve-se como objetivo falar mais sobre Bispo. Para tanto, foram levantadas três frentes de estudo: a) a busca pela compreensão do que a antropologia tem a dizer sobre a produção artística de modo geral, ou seja, o que significa a arte dentro do nosso contexto social e que relações podem ser identificadas entre arte e sociedade; b) pensar através dos instrumentos que a antropologia e outras ciências sociais nos fornecem e, neste sentido, só é possível pensar o artista em questão como alguém que, de alguma forma, rompeu com os modelos de comportamento aceitos pela sociedade (e

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

não importa se isto aconteceu por conta de uma patologia ou não, pelo menos, por enquanto), foi considerado um *outsider* (ELIAS e SCOTSON,2000), alguém que não conseguia (ou não queria) integrar-se a sociedade da forma como a maior parte das pessoas o faz. Aqui, *a noção de pessoa*, no sentido formulado por Marcel Mauss (2003), e magistralmente discutida por Goldman (1999), permite pensar a doença mental de uma perspectiva menos individualizada, na medida em que demonstra que a pessoa se constrói através da vida em sociedade, mais especificamente através da cultura, mas que não é um processo simples e nem tão pouco se dá igualmente para todos os indivíduos. Além disso, a doença mental do artista de que trata este trabalho nos leva obrigatoriamente a pensar em estigma social nos termos de Goffmann (1998), mas também Gilberto Velho (1985, 1994); c) a recuperação da literatura das ciências sociais sobre a doença mental no Brasil, durante o período em que este esteve internado, levando em conta os pesquisadores e profissionais da área de saúde que desenvolveram trabalhos tentando estabelecer relações entre a produção artística e a cura da doença mental, como Nise da Silveira e Osório César.

METODOLOGIA

Ao tomarmos contato com as notas sobre a vida de Bispo e as analisarmos através da interpretação da antropologia, utilizamos um crivo teórico para elucidar uma nova abordagem sobre o personagem. Para tanto, utilizamos um raciocínio teórico para avançar nas discussões.

Para entender a relação entre indivíduo e sociedade, neste caso Bispo do Rosário e a sociedade, é necessário compreender como o indivíduo pode tornar-se diferente nessa sociedade, sendo tal relação possível de ser vista a partir da ideia de *habitus*, do sociólogo Francês Pierre Bourdieu:

As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio [...] produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto de obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente. (BOURDIEU, 2003, p. 53-54.).

O *habitus*, então, não só trata do indivíduo, mas também trata de um grupo social, principalmente quando se fala em trajetória. Assim, a história de sua vida pode ser vista como variante de *habitus* do seu grupo, na medida em que seu estilo pessoal aparece como uma exceção ou diferencial perante o estilo de sua época e seu grupo social. Portanto, o *habitus* é um produto da posição e trajetória que percorreu.

Ainda nesse caminho da compreensão da dualidade entre o indivíduo e a sociedade, é o alemão Nobert Elias (1994) que afirma que, por mais que os conceitos de “*indivíduo*” e “*sociedade*” sejam usados de maneira separadas, eles designam processos diferenciáveis, entretanto indissociáveis.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Essa dualidade é vista como uma figuração, permitindo explicar o modo e os motivos dos indivíduos estarem conectados entre si, conseguindo ver estruturas de interdependência que geram comportamentos e códigos entre os mesmos indivíduos. Ainda assim, também considera importante compreender os desejos e pretensões de cada indivíduo frente à posição que estes ocupam na vida social, conforme os conceitos de *estabelecidos* e *outsiders*.

Considerando complexas as relações entre indivíduo e sociedade, salientando as consequências do contexto social e político em que os sujeitos estão inseridos sobre as vidas individuais, Nise da Silveira e Osório César apontam a arte como necessária no sentido de possibilitar uma integração do indivíduo na sociedade, que é caracterizada através da fragmentação e desumanização. Sobre tal afirmação, Ernst Fischer (1987) afirma que quanto mais complexa e mecanizada se torna a vida das pessoas, maior a necessidade da arte como uma possibilidade de tal integração, fato que pode descortinar a compulsividade da produção do Bispo na Colônia.

Com a ideia de trazer notas sobre arte, antropologia e doença mental, houve a necessidade de um recorte mais específico: analisando a arte como cultura e necessidade; o estudo do “*outro*” perante a sociedade e suas classificações; e uma breve exploração sobre a história das clínicas e tratamentos para doentes mentais. Todos esses pontos se unindo para analisarmos Bispo do Rosário.

SOBRE BISPO DO ROSÁRIO

Arthur Bispo do Rosário nasceu em Japarutuba, Sergipe, aparentemente em 1909; mudou-se para o Rio de Janeiro em 1925, quando se alistou e ingressou na Marinha de Guerra do Brasil como grumete; teve suas promoções e em 1933 foi excluído da Força Militar. Entre o período de 1933 e 1937 trabalhou como lavador de bondes na Viação Excelsior, subsidiária da Companhia de Energia Elétrica Light. Após um acidente de trabalho, resolveu processar a empresa com o advogado Dr. Leone. O mesmo ganhou a causa e no ano seguinte, empregou Bispo, até que em dezembro do ano, Bispo acordou com delírios místicos e apresentou-se ao Mosteiro de São Bento no Centro do Rio de Janeiro, dizendo-se escolhido por Deus para “julgar os vivos e os mortos” e que era responsável por representar e organizar o mundo em miniaturas.

Encaminhado ao Hospital dos Alienados, onde foi diagnosticado como esquizofrênico-paranóico e confirmado que não teria nenhum responsável pelo mesmo, Bispo foi transferido para a Unidade de Saúde Mental Juliano Moreira, onde passou a maior parte de sua vida. Tendo recebido o cargo de “xerife” dos outros internos (auxiliando no controle desses) em certa altura, começou a recolher materiais descartados por outras pessoas e os seus próprios para produzir sua obra, sendo esses objetos de uso cotidiano recolhidos e agrupados segundo uma lógica própria. Todos os materiais eram organizados e expostos de modo peculiar, com a finalidade de representar o mundo para o divino.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Tido, inicialmente, como apenas mais um doente mental internado em uma instituição pública de atendimento para doentes mentais, Bispo foi descoberto pelo crítico Frederico Morais, que o visualizou como artista de vanguarda e o trouxe à tona em 1982, através de uma exposição intitulada “À Margem da Vida”, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Nesta exposição, Bispo cedeu apenas algumas obras, e em outras oportunidades não aceitou mais participar, permanecendo sozinho na Unidade de Saúde Mental Juliano Moreira até sua morte, em 1989. Após seu falecimento, suas obras percorreram diversas exposições nacionais e internacionais. A partir de então, o interesse pela sua produção só aumentou, o que o levou a representar o Brasil na Bienal de Veneza em 1995 e 2013.¹

A INTERPRETAÇÃO DA ARTE SEGUNDO A ANTROPOLOGA

Geertz (1997) será utilizado como principal teórico para a interpretação da arte perante a antropologia, pensando que a cultura é uma teia de significados tecida pelo homem, cabendo a nós ao fazer o seu estudo, analisar como uma ciência que busca os significados.

Tanto leigos quanto críticos de arte, sentem – por vezes – a necessidade de descrever e/ou expressar seus sentimentos frente a uma representação artística; entretanto, sempre encontram alguma dificuldade nessa empreitada. Essa necessidade é levantada também por Gilberto Velho (1977), quando realiza um debate a respeito da natureza da Arte em nossa sociedade e cultura. Para o autor, esse desejo pode levar o agente social a questionar-se não apenas sobre o objeto artístico, mas também sobre as conjunturas socio-políticas que cercam tanto o indivíduo quanto a arte.

A arte tem desempenhado um papel particularmente vigoroso na luta contra o obscurantismo, nas suas mais diversas formas. [...] cabe pensar sobre suas características e possibilidades num esforço de relativização e contextualização em que não só o produto artístico propriamente dito seja examinado, mas também, as próprias condições de sua produção, a carreira do artista, suas estratégias e vicissitudes. [...] estaremos contribuindo para [...] uma visão crítica mais refinada de nossa realidade sócio-política. (VELHO, 1977, orelha.).

Geertz diz que apesar da aparente inutilidade em se falar sobre arte, discutir arte é uma necessidade incessante. No entanto, sobretudo no Ocidente, há a tentativa de compreender a arte através de termos técnicos como progressão de tonalidade, relação entre cores e formas prosódicas – de certo ponto, meramente artesanais – em detrimento de temas como harmonia ou composição pictórica, como se estas fossem ciências menores.

¹ Arthur Bispo do Rosário. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10811/arthur-bispo-do-rosario>>. Acesso em: 02 de junho de 15; Bienal de Veneza terá Bispo do Rosário e Tamar Guimarães. Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/03/1246110-bienal-de-veneza-tera-bispo-do-rosario-e-tamar-guimaraes.shtml>>. Acesso em: 02 de junho de 15.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Fomentada pelo movimento moderno, orientado para um formalismo estético, esta ideia estaria generalizando essa maneira de ver a arte e ao mesmo tempo elaborando uma linguagem técnica, supostamente capaz de expressar as relações internas entre mitos, poemas, danças ou melodias, em termos abstratos e possíveis de ser mudados.

A incapacidade de compreender a ligação entre arte e cultura da qual os objetos artísticos são frutos, é geradora de uma visão etnocêntrica de parte dos pesquisadores ocidentais que acreditam que outras sociedades, além da ocidental, teriam a incapacidade de analisar as artes, quando na verdade estas possuem maneiras próprias, diferentes dos símbolos e demais valores estilístico-afetivos com os quais os pesquisadores estão habituados a trabalhar.

Como resposta a isto, Geertz cita Matisse, que dizia que os meios através dos quais a arte se expressa e o sentimento pela vida que os estimula são inseparáveis. Velho acrescenta mais, afirmando que a arte é um fenômeno social, e por ser vista deste jeito, a mesma deve ser estudada; sendo fenômeno social caracterizado por estabelecer vínculos com comportamentos, ações e situações observadas pela sociedade, organizações e grupos, Lukács (1967, p. 176) demonstra a mesma opinião quando afirma: “O artista vive em sociedade – queira ou não – existe uma influência recíproca entre ele e a sociedade. O artista – queira ou não – se apóia numa determinada concepção de mundo, que ele exprime igualmente em seu estilo.”. Portanto, afirma-se que o artista é um ser social, pois ele reflete na sua produção a sua própria maneira de sentir o mundo em que vive junto com o momento histórico que vive.

Seguindo o mesmo raciocínio, a obra elaborada pelo artista também é vista como um objeto pontuado com elementos sociais e de comunicação do artista com a sociedade. Novamente Lukács (1967, p. 166), nesse sentido, afirma: "uma arte que seja por definição sem eco, (...) só seria possível num asilo de loucos (...) a necessidade de repercussão, tanto do ponto de vista da forma, quanto ao conteúdo, é característica inseparável, o traço essencial de toda obra de arte autêntica em todos os tempos". Essa relação gera um diálogo múltiplo entre o criador e o espectador, porque a mensagem poderá ser interpretada de maneiras diferentes, de acordo com cada bagagem histórico-cultural de cada apreciador.

Mesmo numa sociedade não-ocidental, a arte é uma forma de exteriorizar sentimentos e falar de estética. Pelo fato de ser impossível separar a arte do sentimento e pensamento que estimulou sua execução, estudar a arte é explorar uma sensibilidade que é, essencialmente, uma formação coletiva.

Essa forma de ver a arte afasta a visão funcionalista, que vê as obras de arte como mecanismos elaborados para definir as relações sociais, mantendo suas regras e fortalecendo seus valores². Para

² GEERTZ, C. Arte como sistema cultural. IN: O Saber Local. Novos ensaios em Antropologia Interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 150.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Geertz, as formas de arte não pregam doutrinas. Elas materializam uma forma de viver, evidenciando um modelo de pensamento para o mundo dos objetos, tornando-o visível.

Deste ponto de vista, o valor que as diferentes sociedades atribuem a elementos como o traço e a linha é derivado de significados da sua própria cultura. Por isso, o que se fala sobre arte, inclusive o que não faz parte reconhecidamente do discurso estético, é importante na reflexão sobre arte, para tentar aprender a origem dos valores artísticos nas diferentes sociedades.

CONCEITUANDO O “OUTRO”

A antropologia, de acordo com Boddy (1994), caracteriza-se por ser a ciência que busca compreender a qualidade do que é o outro ou de quem é diferente, ou seja, a alteridade. Esta mesma ciência oferta inúmeras alternativas para discutir alteridades: cultural, religiosa, étnica, entre outras. O conceito de alteridade ao ter no “*outro*” um elemento tanto de aproximação quanto de distanciamento, é uma vertente social que demonstra uma relação de interação e, até mesmo de dependência, com o “*outro*” e com o “*eu*”. Demonstrando que o “*eu*” na sua forma individual só pode existir através de um contato com o “*outro*”.

Ao mesmo tempo em que se constrói a identidade, arquiteta-se a alteridade, sem a qual a primeira não é possível. Portanto, para trabalhar com identidade é preciso lidar com diferenciadas tomadas de posições com relação ao “*outro*”.

Quando se aborda identidade, abordam-se histórias de vida, trajetórias pessoais e perspectivas de mundo. Necessariamente remetendo à noção de pessoa, conferida por Mauss em seu artigo “*Uma Categoria do Espírito Humano: a Noção de Pessoa, a Noção do Eu*”. Esse texto demonstra o conceito de pessoa a partir da obra de Émile Durkheim, na qual a complexidade inata ao homem é lapidada por um processo lento e demorado do disco de corte adiamantado das experimentações e reflexões.

Através de estudos etnográficos, Mauss conclui que a categoria individual é relativa ao tempo e à sociedade em que se vive. Essa categoria individual é elaborada como *persona*, *persona* esta que é avaliada por um sentido moral e jurídico, moldando-a em um ser de consciência responsável e livre. A influência cristã na sociedade ocidental acrescenta à ideia uma base metafísica, de que a pessoa moral torna-se também uma substância racional indivisível e individual. Dessa forma, além da imposição legal e histórica, são fornecidos os ideais de liberdade, consciência, racionalidade e integridade.

Goldman, em consonância com o autor acima citado, analisa o conceito de “*pessoa*” fazendo um mapeamento do campo coberto do debate. Averigua os conceitos e ideias elaboradas de estudiosos e antropólogos e, seguindo o pensamento dos mesmos, conclui assim como Mauss, que não há como falar da noção de pessoa, sem falar da noção de sociedade. Entende-se que a pessoa é moldada através das culturas e costumes que circulam pela sociedade em que a pessoa vive, mas não deixa para trás a sua individualidade que é demonstrada através de sentimentos, conceitos lógicos e morais.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Isto é, a noção de pessoa se assemelharia a um plano de realização da identidade, visto que os atores sociais utilizam inúmeras formas de discurso para edificá-la quando falam de si ou mesmo ao serem observados.

Com a devida explicação de “*pessoa*”, seguimos com a necessidade de falar sobre a diferença e a desigualdade social que se encontram na sociedade judaico-cristã. Tais pontos foram estudados através de pesquisas etnográficas e resultaram na abordagem de novos conceitos elaborados pelo sociólogo e historiador alemão, Nobert Elias. Este afirma que as pessoas que vivem em uma mesma sociedade podem se subdividir em duas classificações: os *estabelecidos* e os *outsiders*. Para entender melhor o pensamento de Elias, saíremos do conceito de pessoa, utilizando o conceito de indivíduo por DaMatta, no qual a diferenciação entre pessoa e indivíduo se dá com a ideia da existência de dois ambientes como “esferas de ção social”, que são opostas e ao mesmo tempo complementares. A casa e a rua refletem as ambigüidades da sociedade brasileira, são diferentes conjuntos de valores cuja abrangência pode variar muito em função de seu referencial. Pode-se interpretar que a pessoa é vista como a figura da “*casa*” e o indivíduo como a figura da “*rua*”. A palavra *estabelecidos* é utilizada para designar um grupo de indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder; estes se reconhecem como a melhor parte da sociedade, uma identidade social elaborada através de tradição, influência e autoridade. Autoridade esta, utilizada para a implementação de um modelo moral perante o restante da sociedade. Para a manutenção de tal status, os *estabelecidos* tornam-se reféns da necessidade de reafirmação de sua superioridade a todo tempo, o que delimita sua esfera de liberdade nas ações pessoais. Já os *outsiders* são os membros que estão fora da “*boa sociedade*”; um conjunto mesclado e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos profundos do que o outro grupo, justamente por isso não conseguem ser analisados como um grupo social. Os *outsiders* são constantemente estigmatizados pelos *estabelecidos* para que os últimos possam reafirmar sua superioridade.

Goffman (1998) complementa os conceitos de Elias, quando analisa a manipulação da identidade deteriorada através do estigma. Ele afirma que o estigma na atualidade representa algo de mal, uma doença à sociedade, ou seja, uma identidade social deteriorada por uma ação social. Ele reforça afirmando:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. (GOFFMAN, 1998, p.11.).

A sociedade estabelece um modelo de categorias e rótulos, e então tenta catalogar as pessoas conforme seus atributos considerados comuns e naturais para membros dessa ou daquela categoria. Não há até esse momento uma divisão entre a qualificação positiva ou negativa. Estabelece-se também

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

as categorias as quais as pessoas devem pertencer, assim como seus atributos, nasce assim um padrão externo ao indivíduo que permite prever a identidade social e as relações deste com o meio.

Quando alguém demonstra pertencer a uma categoria com atributos não convencionais é pouco aceito pelos estabelecidos, porque esses não conseguem lidar com o diferente. Em certas situações começa a nascer a interpretação de uma pessoa, ou grupo, serem perigosos ou maus apenas por enquadrarem-se como *outsiders*. Dessa forma as potencialidades e qualidades ficam encobertas por uma categorização pejorativa, elevada à *estigma* social, sendo assim o indivíduo é carregado de características típicas que diferenciam sua identidade social.

Complementando, então, o pensamento sobre o *outsider* de Elias, que é o estigmatizado de Goffman, o *estigma* serve para diferenciar negativamente um ou vários sujeitos de determinado grupo, esse *estigma* reforça a inferioridade do outsider e ajuda os estabelecidos a demonstrarem sua dominância no ambiente social.

EVOLUÇÃO NA PRÁTICA CLÍNICA DA PSICOLOGIA

Para entender melhor o caminho que a compreensão da doença mental faz pelo Brasil entre as décadas de 1920 e 1960, é necessário entender o que acontece previamente, portanto, é necessário retornar ao início do século XX.

Durante o início do século XX, com a Clínica já diferente, nasceu no Brasil e no mundo um conceito racial de se ler a psicologia. Esse pensamento teve como principal fonte: o psicólogo inglês e estatístico naturalista, Francis Galton³. Este deu nome a essa ciência que todos comentavam como eugenia. A eugenia arrolava as qualidades e defeitos inatos dos seres humanos e tinha como finalidade uma ciência que buscasse o "melhoramento racial humano". A eugenia foi motivada com o Darwinismo Social, esta última afirmava que o povo europeu estaria pobre por ter uma massa de mão de obra não apta, defendendo que deveria haver uma seleção somente com os aptos, para que a sociedade voltasse ao seu andamento e evolução.⁴

Galton desenvolvia em sua ciência a idéia de que os mais aptos, ou de maior qualidade racial, deveriam gerar mais descendentes, enquanto os menos qualificados deveriam se abster da reprodução, mesmo que para isso o Estado se encarregasse compulsoriamente deste impedimento. Tudo isso em prol da evolução da raça humana. Ainda no pensamento de Galton, as raças humanas difeririam em

³ (Inglaterra, 1822 —1911). Antropólogo, meteorologista, matemático e estatístico inglês. Estudou medicina e foi pesquisador da mente humana, fundou a psicometria (a ciência da medição faculdades mentais) e a psicologia diferencial. Era primo de Charles Darwin e, baseado em sua obra, criou o conceito de "eugenia" que seria a melhora de uma determinada espécie através da seleção artificial.

⁴ BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo "científico": sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. Educ. rev. [online]. 1996, n.12, pp. 153-165.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

capacidade intelectual, sendo a branca a mais inteligente, e as outras, seriam “inferiores” e estariam sujeitas a anomalias hereditárias, como as desordens mentais, tendências ao alcoolismo, cegueira, surdez, entre outros “defeitos”.

Essas teorias tiveram grande aceitação por todo o globo entre o final do século XIX e primeira metade do XX, defendendo a idéia de raças mais “evoluídas” e mais “primitivas”. O Brasil foi citado pelos cientistas defensores como o exemplo de degeneração pela “miscigenação racial promíscua”.⁵

Durante as primeiras décadas do século XX, a organização de tratamentos para os alienados estava em casas particulares ou hospitais, em que os mesmos ficavam presos em suas celas, havendo algum contato coletivo e vivendo sob o “tratamento” médico de então.

No início dos anos 1930, com a eugenia ainda presente nos conhecimentos e escolas de medicina do país, começam a aparecer pessoas contrárias a tais pensamentos e também contrárias aos tratamentos disciplinares aplicados nos hospitais, tais como Nise da Silveira⁶ e Osório César⁷. Os médicos vanguardas pensavam que as formas agressivas de tratamento de sua época, tais como o confinamento em hospitais psiquiátricos, eletrochoque, insulino-terapia e lobotomia não traziam resultado e também não colaboravam para uma devida aproximação com o paciente para poder entendê-lo melhor.

Tanto Nise da Silveira quanto Osório César tiveram contato com Carl Gustav Jung⁸, e os dois trouxeram para a medicina a possibilidade de um tratamento com o auxílio da arte. Osório Cesar funda, dentro do hospital, a Escola Livre de Artes Plásticas no Hospital Psiquiátrico do Junqueri em São Paulo. Já Nise da Silveira funda o Museu do Inconsciente no Rio de Janeiro implementando a instalação dos ateliês de atividades expressivas, como a pintura e a modelagem, além das oficinas de trabalho artesanal, que já existiam, de costura, encadernação e outras atividades necessárias à manutenção do hospital.

⁵ MASIERO, André Luís. A Psicologia racial no Brasil (1918-1929). *Estud. psicol.* (Natal) [online]. 2005, vol.10, n.2, pp. 199-206.

⁶ (Maceió, 15 de fevereiro de 1905 — Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1999) foi uma renomada médica psiquiatra brasileira, aluna de Carl Jung, que lutou contra os tratamentos comportamentais nas insituições de tratamento psiquiatra. Primeira mulher a montar um Museu com as artes de seus pacientes.

⁷ (Parahyba, 17 de novembro de 1895 — Franco da Rocha, 3 de dezembro de 1979), formado em odontologia, foi um renomado anato-patologista, psiquiatra e intelectual brasileiro, notabilizado como um dos pioneiros no uso da arte como recurso terapêutico em psiquiatria, bem como por sua oposição aos métodos agressivos de tratamento de alienados então vigentes.

⁸ (Kesswil, 26 de julho de 1875 — Küsnacht, 6 de junho de 1961). Psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica. Jung propôs e desenvolveu os conceitos da personalidade extrovertida e introvertida, arquétipos, e o inconsciente coletivo. Seu trabalho tem sido influente na psiquiatria e no estudo da religião, literatura e áreas afins.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Desde o primeiro momento, valorizou a autonomia das atividades ali exercidas e dos próprios pacientes, até então usados para prestar serviço ao hospital. A partir de então, a terapêutica ocupacional deveria ser entendida como um método de cura. (Gullar, 1996, p.10-11.).

Em parceria com Almir Mavignier⁹, pintor e funcionário do hospital que se transferiu para o Setor de Terapêutica Ocupacional e Recreação para auxiliar os trabalhos de Nise¹⁰, ela pôs o ateliê de pintura para funcionar. No entanto, como as atividades de terapia ocupacional não eram levadas à sério naquele momento, poucos pacientes dirigiam-se ao ateliê, visto que poucos médicos recomendavam a terapia ocupacional aos seus tratamentos.

Nessa situação Mavignier procurava por doentes com talento para as artes e fez alguns achados importantes, trazendo para o ateliê pacientes que revelaram uma grande capacidade artística, sendo capazes inclusive de inserir seus trabalhos no circuito oficial de arte, e não apenas nos espaços destinados à produção artística dos alienados.

Um ano depois de iniciadas as atividades do ateliê, realizou-se a primeira exposição dos trabalhos dos doentes. Era 1947 e a exposição, organizada pela Associação dos Artistas Brasileiros, levou 245 pinturas para a galeria do Ministério da Educação e Cultura, no centro do Rio de Janeiro.

A exposição provocou grande polêmica entre os críticos de arte, pois enquanto alguns (como o crítico Mário Pedrosa) achavam que a arte produzida pelos doentes era arte como qualquer outra, havia os que (como o crítico Campofiorito) achavam que aquela produção artística não possuía nenhum valor estético. As discussões seguiam acaloradas através dos jornais do Rio de Janeiro, sobre o valor artístico das obras, bem como sobre arte e razão, normalidade e anormalidade e acima de tudo, sobre o que é, efetivamente, arte.

Em 1949, a 2ª exposição, intitulada Nove artistas do Engenho de Dentro, foi inaugurada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, sob a curadoria de Mário Pedrosa e Leon Dégand. No catálogo da exposição, Nise da Silveira comenta:

⁹ (Rio de Janeiro 1925). Pintor e artista gráfico. Iniciou seus estudos em 1945, no Rio de Janeiro. Em 1946, passou a trabalhar no ateliê da Seção de Terapêutica Ocupacional do Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro, com a psiquiatra Nise da Silveira. Após conhecer as teorias de Mário Pedrosa, pela tese *A influência da teoria da Gestalt sobre a obra de arte*, iniciou pesquisas na área da abstração. Em 1949, participou do primeiro grupo de arte abstrata do Rio de Janeiro, com Ivan Serpa, Abraham Palatnik e Mário Pedrosa. Em 1951, viajou para Paris, onde frequentou a Academie de La Grande Chaumière. (...) Foi professor de pintura na Hochschule für Bildende Kunst, em Hamburgo, Alemanha, entre 1965 e 1990.

¹⁰ Há duas versões para esse encontro: o próprio Mavignier, segundo Glaucia Villas Boas, teria sugerido a Nise da Silveira a criação de um ateliê de pintura; na versão de Nise, também relatada por Villas Boas, quando Nise sugeriu ao Diretor do Hospital, Paulo Elejalde, a criação de um ateliê de pintura, este lhe encaminhou Almir Mavignier, funcionário do hospital que gostava de pintar.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

[...] trate-se de artistas sadios ou de artistas doentes permanece misterioso o dom de captar qualidades essencialmente significativas, seja dos modelos interiores seja dos modelos do mundo exterior. Haverá doentes artistas e não artistas, assim como entre os indivíduos que se mantêm dentro das imprecisas fronteiras da normalidade só alguns possuem a força de criar formas dotadas do poder de suscitar emoções naqueles que as contemplam. (SILVEIRA apud Gullar, 1996, p. 96).

Embora no campo artístico a produção do ateliê do Engenho de Dentro tenha provocado muita polêmica, dividindo as opiniões, não se encontra registro de um único artigo publicado em jornal, assinado por um médico, comentando o resultado do trabalho de Nise da Silveira. Embora até os dias de hoje a arte seja utilizada como recurso terapêutico em alguns espaços destinados ao tratamento de doentes mentais¹¹, na época de Nise da Silveira e de Osório César, essa prática não parecia contar com a confiança da comunidade científica.

Estes dois médicos foram de extrema importância para influenciar a Colônia Juliano Moreira, quando esta recebe o artista Bispo do Rosário. Mas antes de falar sobre este momento também é necessário entender como esta foi fundada.

Durante a década de 1930, houve a criação do Serviço Nacional de Doenças Mentais e a formulação do Plano Psiquiátrico para a União, que tinha como finalidade expandir a assistência psiquiátrica em todo o território nacional, desafogando assim, um pouco dos serviços que eram concentrados no Sudeste. Aduato Botelho foi o primeiro diretor da SNDM, que ficou no cargo até 1954. Durante seu mandato presou pela implementação do hospital-colônia, modelo que era defendido por Juliano Moreira desde a década de 1910, e foi reafirmado como “padrão” nos anos 1940 e 1950, sendo considerado de modo mais eficaz ao tratamento de doentes mentais quanto no sentido do incentivo sistemático que é dado à sua reprodução. O modelo era construído longe dos núcleos mais urbanizados, formado por pavilhões e por outras estruturas de assistência.

Essa estrutura é muito semelhante a demonstrada por Foucault¹², quando traz à tona a ideia de um “retiro” que foi sustentada por Samuel Tuke¹³ durante o século XVIII/XIX, onde a casa responsável pelo tratamento dos alienados estaria longe do meio urbano, sendo capaz de realizar outras atividades, detendo minimamente alguma liberdade. Tuke segue o tratamento moral que é

¹¹ Como o demonstra o artigo de ANTUNES, Eleonora Haddad, BARBOSA, Lúcia Helena Siqueira e PEREIRA, Lygia Maria de França. *História e arte no Programa de Saúde Mental*, que comenta o uso de várias linguagens artísticas como parte do tratamento prescrito aos usuários do Programa de Saúde Mental do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP. (ANTUNES, BARBOSA e PEREIRA, 2002)

¹² (França, 1926 —1984). Filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo e crítico literário. Suas teorias abordam a relação entre poder e conhecimento e como eles são usados como uma forma de controle social por meio de instituições sociais. FOUCAULT, M. *História da Loucura*. São Paulo: Percepções, 1978.

¹³ (Inglaterra, 1784 – 1857). Psicólogo inglês que defendia o uso de clínicas distantes dos centros urbanos para o tratamento dos alienados.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

inaugurado por Philippe Pinel¹⁴ na França, trazendo uma idéia da valorização das emoções e auto-estima, invés dos erros e acertos.

A colônia Juliano Moreira foi instalada na área de um dos mais antigos engenhos de cana de açúcar de Jacarepaguá, sendo inaugurada em 1924. A instituição fundamentava-se em praxiterapia e assistência hetero-familiar. O tratamento hetero-familiar era aquele que pregava que o doente tivesse contato sistemático com pessoas normais e sadias, contando com o auxílio de funcionários da colônia que ajudassem a inserção dos doentes numa vida social mínima, e propiciassem um convívio doméstico; enquanto a praxiterapia eram tratamentos mais pesados com convulsoterapia (elétrica e química), do choque insulínico, do eletro-narcole e da psicocirurgia.

A colônia tinha como meta assistir enfermos sob “regime de liberdade vigiada”. As atividades ditas de trabalho terapêutico eram a lavoura de cereais e hortaliças, pecuária e pequenas indústrias, destacando de vime e de colchões. Como terapia ocupacional eram usados os esportes, rádio, cinema e artes aplicadas; na década de 1950 é realizada uma exposição de pintura realizada pelos pacientes. Tal exposição teve tamanho sucesso que foi levado ao I Congresso Internacional de Psiquiatria em Paris.

A terapia elaborada com a arte, que inicialmente tinha como foco básico a ocupação dos doentes, trouxe um espaço para a manifestação de intensa exaltação da criatividade imaginária que, de acordo com os entendimentos de Nise da Silveira, auxiliaria no controle e em pequenas melhoras sociais dos pacientes já que a criatividade era gerada através dos afetos gerados da reunião dos doentes em um ambiente com a finalidade de uma atividade diferenciada.

Na contemporaneidade, não existem mais colônias ou hospitais psiquiátricos com leitos para internação permanente. A atual política de saúde mental - decorrente da Reforma Psiquiátrica levada a cabo a partir dos anos 70 - a internação pode acontecer em momentos de crise. Por vezes esse tratamento é multidisciplinar e envolve arte como terapia complementar; os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que se encontram em diversas cidades brasileiras são instituições referência nessa prática. Tais centros se empenham em atender, de forma humana e global, usuários de drogas e portadores de transtornos mentais encaminhados por diversas Unidades de Saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o auxílio de Geertz, Velho e Luckács, é demonstrada a necessidade da sociedade em discutir, elaborar e estudar arte. Essa necessidade de expressão é da natureza de nossa sociedade e cultura, mas é através desse levantamento de debates que se percebe produção artística tem um viés sócio-político.

¹⁴ (França, 1745 – 1826). Importante médico e teórico da psicologia e psicanálise francesa. Considerado o pai da psiquiatria.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

De acordo com o pensamento de Lukács, o artista é um ser social, e como sua obra é um reflexo do artista, logo sua obra também é social, trazendo este caráter sócio-político. Portanto, quando se fala sobre o entendimento de arte, deve-se pensar não só na produção, mas também no seu momento histórico, social, cultural e econômico, já que o artista irá refletir toda essa conjuntura em sua produção. Com isso compreende-se como Bispo do Rosário traz em suas obras especificidades de seus sentimentos e pontos de vista oprimidos e julgados pela sociedade, trazendo uma reflexão sobre seu “eu”.

Ao findar a escrita da pesquisa, fica a impressão de que esta poderia ser feita de outro modo, pois cada novo olhar sobre o indivíduo e a pessoa é capaz de agregar novos sentidos antes despercebidos, mas esta pesquisa trabalhou inúmeros conceitos, o que possibilita outras centenas de combinações de sentidos possíveis.

REFERÊNCIAS

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Arthur Bispo do Rosário**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10811/arthur-bispo-do-rosario>>. Acesso em: 02 de junho de 15 às 15:11.

BODDY, J. Spirit possession revisited: beyond instrumentality. **Annual Review of Anthropology**. California, v. 23, 1994.

BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo "científico": sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. **Educar em Revista**, Paraná, n.12, pp. 153-165, 1996.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & A Rua**. Espaço, Cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Rocco, 1997.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da Arte**. 9ª Ed. São Paulo: Guanabra Koogan, 1987.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Bienal de Veneza terá Bispo do Rosário e Tamar Guimarães**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/03/1246110-bienal-de-veneza-tera-bispo-do-rosario-e-tamar-guimaraes.shtml>>. Acesso em: 02 de junho de 15 às 15:23.

FOUCAULT, M. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GEERTZ, C. Arte como sistema cultural. IN: **O Saber Local**. Novos ensaios em Antropologia Interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GOLDMAN, Marcio. **Alguma antropologia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

GULLAR, Ferreira. **Nise da Silveira**: uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

- HIDALDO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosário**. O Senhor do Labirinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- LUKÁCS, Georg. Arte Livre ou Arte Dirigida? **Revista Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 13, p. 159-183, 1967.
- MASIERO, André Luís. A Psicologia racial no Brasil (1918-1929). **Estudos de Psicologia**. Rio Grande do Norte, vol.10, n.2, p. 199-206, 2005.
- MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: _____. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- TEIXEIRA COELHO, J. A arte não revela a verdade da loucura, a loucura não detém a verdade da arte. In: ANTUNES, Eleonora Haddad, BARBOSA, Lucia Helena e PEREIRA, Lygia Maria de França (orgs.), **Psiquiatria, loucura e arte**; fragmentos da história brasileira. São Paulo: EDUSP, 2002.
- VELHO, Gilberto. **Arte e sociedade**: ensaios de sociologia da arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- _____. **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- _____. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.